



Via Passageiros: Pesquisa, Processos, Produtos. Interface da Comunicação, Educação e Extensão¹

Fernanda Nardy BELLICIERI²

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

Gláucia DAVINO³

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo apresenta os processos de pesquisa, a montagem da peça teatral “A Via: Passageiros” e as atividades comunicacionais e educativas que se vinculam a ela. A peça centraliza as reflexões, como um pivô que ata elos (interfaces) temáticos, das representações sociais, educacionais e artístico-expressivas. A experiência propôs ultrapassar os limites do teórico, trazendo a peça a termo, reescrita, transformada em apreciação estética para a comunidade. O viés temático e social é o universo urbano, do homem em situação de rua e seu entorno.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Educação; Dramaturgia; Interfaces; Urbano.

Gênese de um Processo: “Meio dia e não quis enxergar...”

Pulsa... pulsa... pulsa...
Venosa,
Coração- cancro da cidade-crônica:
A via Passageiros...

A vida urbana no Centro de São Paulo, com foco no humano à margem, é o tema que vem perpassando essa experiência. Ela se originou dos resultados da pesquisa Tesouros - Arte dos moradores de rua⁴, da profa. Ms. Hânia Pilan.

Nesta pesquisa, a autora estabeleceu um diálogo entre os objetos apropriados e/ou transformados pelos moradores de rua de São Paulo, neste início do século XXI, e as formas elaboradas de apropriação e/ou transformação das Vanguardas artísticas do século XX, em particular o Dadaísmo e o Merz de Schwitters, partindo depois para a

¹Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, do Inovcom, evento componente do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2008.

² Professora e pesquisadora do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Núcleo Audiovisual (CNPq). Email: fernandavns@yahoo.com.br

³ Professora e pesquisadora do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Líder do Grupo de Pesquisa Núcleo Audiovisual (CNPq). Email: gcine@arquitetos.com.

⁴ PILAN, Hânia. Dissertação de Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006.



Arte Povera, Arte Conceitual, Performance, passando pelos conceitos de colagem, que permearam as Artes Visuais do século XX e que ainda influenciam.

Portanto, a discussão, sobre o que é considerado Arte, levantada por esses movimentos do século XX, a necessidade da arte para o ser humano, a arte apropriada em objeto(s), a reconfiguração daquilo que a sociedade descarta, os procedimentos artísticos e o valor da arte para o artista e para o público configuraram uma das interfaces da proposta.

Paralelamente aos procedimentos artísticos provocados conscientemente para desvelar a apropriação, o deslocamento, a reflexão sobre a forma de “produção-consumo-descarte-arte” da sociedade do século XX, os procedimentos dos moradores de rua se mostraram como conduzidos pelo acaso, ou seja, pelo encontro casual e apropriação/aquisição de objetos-dejetos, que foram descartados. A obra é viva, sempre em confecção, onde parece sempre caber mais alguma intervenção - como a própria vida. Ocorre uma ligação entre o seu eu e o seu ambiente e manifestando seus sentimentos através dos símbolos que manipula em seu favor neste contexto social interno – que é considerado, pela sociedade política organizada, um lugar marginal.

No momento em que o acaso se torna escolha, pois o morador de rua pode optar por tomá-lo ou rejeitá-lo, os objetos são reconfigurados e ganham outro significado. Eles tornam-se “seus Tesouros”.

“Tesouros” são: a produção visual diferenciada de alguns moradores de rua, que chamam a atenção. Ora, por suas coletas e a forma que eles as organizam, ora em suas próprias roupas, ou em seus carrinhos-moradia, ou pelo tratamento dado a estes objetos. (cf. PILAN, 2006)

O que se constata é que este homem à margem, o morador de rua, tem produzido e estabelecido um diálogo próprio entre a realidade da rua e da sua produção artística, pois cria ao seu redor um mundo sensorio-visual, portanto, plausível de fruição (como com as obras de Arte, assim reconhecidas). O ator desta criação, porém não tem como intuito ser considerado artista, nem sequer rotulado a movimentos e leituras teóricas da Arte. Porém, o contato em campo e as entrevistas com essas pessoas mostraram que, apesar de que para a maioria “os seus tesouros” apenas constituíam o cotidiano e eram voltados para o cotidiano de uma realidade de morador de rua (dar um novo uso para o descartado, encontrado), alguns produziam seus objetos realmente cientes de um mover criativo, artístico, comunicativo. Constituíam o objeto-dejeto como matéria-prima de uma manifestação de fruição, pensamento e mensagem. A necessidade do artista, que

constrói uma identidade e se diferencia dos outros, acaba sendo igualmente reproduzida. A pesquisa mostrou que as formas de construção de muitos dos carrinhos-moradias são diferenciadas dos demais que estamos habituados a ver pelas ruas.



Fig.01 - Carrinho do Mario – Catador de papel - Hânia – 2005

Este morador de rua é um artista livre. Podemos perceber que a construção do carrinho se deu com ferros e sua frente tem dupla altura. Na parte superior central, duas máscaras de caveiras, elevando seu dono a condição de um “místico”, um “realista” que esta nos dizendo : “Olhe como você vai ficar!” ou um triângulo, utilizado para avisar a outros motoristas, quando os automóveis apresentam algum defeito, é ali colocado com o mesmo fim, mas não da forma usual, e sim o de que se tome cuidado com o “seu” veículo.



Fig.02 – Carrinho de catadora de papel - Mônica Duarte – 2005⁵

Na parte superior do carrinho, flores e na mesma posição, à direita também, como que fechando um quadro que contém o conjunto figuras, de santos, onde a Virgem Maria, que é um símbolo muito importante para a religião católica, está em destaque. A Virgem traz proteção e ao mesmo tempo é um símbolo feminino. Dentro do carrinho os sacos com o material que utiliza para a sua sobrevivência.

⁵ Imagens e texto cedidos pela autora.



O olhar do homem que encontra seus tesouros - esse mover de ímpeto expressivo traduzido -, seja em um quadro elaborado a restos de tintas e outras cores de lixo; seja num enfeite mais elaborado para uma carroça de levar papéis - foi registrado pelo olhar da pesquisadora, através de fotos, entrevistas e vídeos.

Com a Arte, os moradores de rua, nas relações com o outro, põem em jogo a força imaginativa, construindo em seu entorno uma nova cidade, uma nova forma de se ver, viver e ver o outro.” (cf. PILAN, 2006)

O material pesquisado por Hânia foi fonte visceral para o projeto “Via: Passageiros”, tanto no sentido temático (o social – o urbano), comunicativo (relação educação e comunicação) como estético (texto, interpretação, objetos, montagem, etc.). Esse exercício de observar realidades alheias trouxe ao próprio grupo de pesquisadores que acompanharam de perto esse envolvimento com o tema, inquietações que desencadeavam no processo da peça. Estávamos diante das necessidades do pesquisador-educador e, ao mesmo tempo, constatávamos como homens comuns, que havia uma escassez que nos fazia igualmente à margem, impotentes e meros observadores.

Processos: reflexo e pesquisa para a transformação

A toda hora, toda a sorte de objetos, dejetos e humanidades estão se encontrando, a nossos pés, a nossa frente e mesmo deitados, ao lado, em nosso caminho pelo passeio. A condição de sobrevivência encontrada aos moradores de rua também é de escolher, coletar e vender objetos, porém quando esses objetos são guardados consigo elevam-se a um lugar de destaque – propriedade, símbolo, valores místicos, objetos domésticos, mensagem ou arte (mídia/interlocução), etc.

Buscamos, nós pesquisadores-observadores, e até além, surpreendentemente “urbanos humanos”, uma forma de expressão. Tal qual esse homem à margem encontra em seus objetos-dejetos um escape, uma ferramenta de re-configurar realidades e entornos, quisemos re-configurar o humano das “estruturas de aço e concreto”, fazer com a poética, embora ainda densa e amarga, o veículo e filtro para a realidade desse homem marginal do centro de São Paulo com suas moradias móveis.

Baseado na realidade constatada, representada, nas figuras e nos relatos desses moradores, surgiu o texto ficcional, uma representação do que se entendeu como homem à margem. Uma forma de tatear a sensibilização, compaixão ou gratidão certificada àqueles que nos fizeram sair do lugar comum da observação cotidiana, que nos fizeram um tanto além de simplesmente piedosos ou avessos ou que nos fizeram



entender que, tanto quanto eles, nós somos à margem, urbanos, concretos, fuligem e, essencialmente, passageiros.

No início a interrogação: o que fazer com esses textos? Transformá-los em livro, um apêndice à experiência decodificada da pesquisa sobre o homem à margem? Recriar esse entorno e transferi-lo letras? A quem? Para quê?

Dos textos literários, contos fictícios (interface textual) e relatos de experiências pessoais entrelaçadas, surgiu a idéia da montagem de uma peça teatral (interface dramatúrgica), no intuito de articular saberes e reproduzir. Ou seja, em princípio o texto veio como dom mais forte; ou talvez um compromisso; já que letras elegem-se de uma credibilidade de que outros meios se esquivam.

Talvez não fosse a melhor forma de exercitar a expressão, talvez não a mais justa com o compromisso da pesquisa sobre a rua, que de fato, já havia transformado um pouco esse pesquisador, de mero observador e homem de passagem, em parte integrante do cenário. Passageiro da cidade, co-autor daquelas tantas prováveis histórias que não mais eram descartáveis, e sim concretas, agora eram textos, escrituras, releituras e mais: um tanto de responsabilidade.

O relato visual era uma possibilidade de trazer à cena o que ocorria, e que ainda estava em textos, em retratos, em memória.

Chegou-se à conclusão de que o texto seria incipiente, e até pouco comprometido. Optou-se pelo teatro como contrapartida, tentativa de devolver, ainda que de forma tímida, afinal não havia um projeto de intervenção direta na comunidade que havia sido objeto de pesquisa: o homem em situação de rua.

O objetivo que se instalava mais próximo às possibilidades do grupo como grupo pesquisador, estritamente vinculado ao território das competências acadêmicas, seria utilizar o teatro como ferramenta para sensibilizar outros observadores, inicialmente também do universo acadêmico. Mas não estava descartada uma projeção futura de desdobramentos dessa montagem teatral, inclusive com intervenções dentro das comunidades consideradas socialmente à margem e/ ou excluídas.

Para estruturar a montagem começamos a pensar em uma dramaturgia centrada na fala do personagem. A peça parte de uma construção dinâmica e se constrói sobre a multiplicidade de personagens. Uma fala que se desdobra em pensamento, ação e memória; uma fala de trajetória múltipla, que dialoga com diferentes dimensões do tempo e da percepção; representada cenicamente sob forma de monólogo. De fato, uma



estrutura que, na prática poderia responder também à escassez de recursos e de certa forma tornar mais livre e democrático o discurso essencialmente acadêmico e restrito a determinadas instâncias do aprendizado. Um monólogo que ilustrasse o pensamento do pesquisador como homem comum, parte integrante desse cenário que há pouco lhe era apenas entorno e via de passagem até descompromissada, até intermitente.

Os contos foram organizados de forma a delinear ligações entre histórias, ainda que sorratamente. Não buscávamos uma estrutura textual extremamente fechada e pouco apta a modificações. Procurávamos uma forma textual flexível, adaptável a diferentes espaços e contextos. Um teatro que pudesse ser mínimo para poder se efetivar (não depender de grandes produções), mas universal no tratamento do tema “homem à margem”.

O apoio institucional, que se estabeleceu mediante a cessão de sala para ensaio e disponibilização de local para apresentações, deu impulso ao início dos encontros semanais com o intuito uma melhor forma de elaboração dramaturgica para este texto, essencialmente descritivo e literário.

Foram cerca de dois meses até que se chegasse à primeira estruturação final. Colagens de recortes das vidas de diversos personagens comuns da cidade. Dos dezessete textos pré-selecionados inicialmente, optou-se por dez. O critério de escolha foi a de tecer uma linha que permitisse uma lógica condutora da história (não uma trama, mas um apanhado de impressões do humano à margem), que permitisse a passagem de uma narrativa à outra. Não tínhamos apenas um narrador condutor, mas uma entidade onisciente e que passava de interlocutor a personagem, de personagem que pergunta à personagem que responde, da voz de um pensamento inconsciente aos gritos de um impulso desesperado. O monólogo estabelecia no tom da voz, na própria fala ou na interação com os objetos e cenário quando era observador, quando personagem, quando ruídos mentais que atordoam ou organizam. O monólogo tornava a produção muito viável e com certo caráter autoral. O grupo assinava a pesquisa - dramaturgia. De fato, estávamos emitindo uma opinião, uma voz. Assumimos, porém que este critério de escolha pode perpassar por linhas tênues de curvas dramaturgicas. Motivo pelo qual, o projeto mantém-se e está aberto às mudanças⁶.

Mas o texto passou a não ser mais a única preocupação e passamos a revê-lo sob a luz de toda uma estrutura da montagem que atendesse esses quesitos: mínimo e factível.

⁶ Cf. em REWALD, Rubens (2006) os métodos de construção contínua do espetáculo, da dramaturgia.



Assim, demos início às concepções cenográficas de figurinos e adereços, suas possibilidades, suas significações, utilidade e motivadora de emoções. Este item envolveu o a pesquisa de iniciação científica de Fernanda Lima Sakr, intitulada “Espaço de passagem: a cena construída”⁷. Foi necessário desenvolvermos duas propostas de cenografia, uma adaptável aos espaços menores, com adereços em miniatura, e outro para espaços maiores, com uma réplica de elementos-chave ao texto e representativos do cenário da rua: a carroça de levar papéis, o farol, a árvore que já se fantasiava quase concreto, pois a idéia era a de montarmos um espetáculo que pudesse excursionar e ser apresentado em qualquer local.

Outras experiências estéticas para o mesmo tema e vinculadas a essa peça faziam parte de uma proposta maior – experiências que deveriam envolver as mídias audiovisuais, que dependem de uma interface física, digital, mecânica, elétrica. Antes mesmo do fechamento das apresentações, a primeira experiência, neste sentido, não tardou a aparecer. O cenário virtual, que fazia parte do projeto de desdobramento dessas atividades, foi mais um dos encontros entre pesquisas e pesquisadores na nossa vasta área das artes audiovisuais. Surgiu a primeira referência de intervenção no processo espacial e sensorial, o prof. Dr. Wilton Azevedo⁸. Seu trabalho é desenvolvido sob as características da imagem-síntese, em que todo o universo sócio convive de forma híbrida de forma que os sentidos humanos passam a criar um novo critério interdisciplinar de percepção e cognição. Um encontro entre a busca da poética e estética da cidade, através da interpoesia, um produto cultural e tecnológico, com a busca da reconfiguração da realidade via representação humana, que se traduz no próprio discurso da cidade: o contraste.

Wilton passou a desenvolver um cenário virtual para essa cidade narrada. Uma hipermídia como pano de fundo a nossa cidade-relato, composta por uma série de vinte e um vídeos com cenas urbanas randomicamente programadas. As imagens eram projetadas durante a apresentação do monólogo, em uma espécie de diálogo que reiterava as impressões urbanas e exprimia, mais que meramente ilustrativa, as sensações dispostas sob as linhas de escritura texto.

⁷ *Espaço de Passagem: a cena construída*, da aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Fernanda Lima Sakr, sob a orientação da profa. Dra. Gláucia Davino (agosto 2007 -junho 2008). Seu objetivo foi estudar, em processo (ao vivo), a concepção da cenografia enquanto espaço cênico, arquitetônico e ficcional, fazendo parte do projeto.

⁸ Cf. AZEVEDO, W. 2003.



Figura 03 – Convite para a peça/ frame da hipermídia de Wilton Azevedo, 2007.

A experiência com intervenção midiática (não apenas o ator, sua presença, sua voz) não se limitou às imagens hipermidiáticas. Durante um mês de pesquisas, testes e gravações, foi concebida uma trilha sonora. O contexto cidade também foi enriquecido com o envolvimento de uma ambiência sonora. Wilton desenvolveu uma trilha para cada conto, mas não estávamos tratando de um som convencional, e sim novamente, de entrelinhas acústicas, ecos de pensamentos, ruídos, concreto e interpretações de real. Esse o intuito da nossa cidade: um algo próximo e semelhante ao cotidiano que nos diz de passagem e observadores. Um objeto de identificação, mas com o estranhamento necessário para causar reflexão e impor de certa forma uma mudança de postura nesse observador ao acaso. Assim como nós pesquisadores, o público deveria sentir-se parte e ao mesmo tempo distante daquela cidade, espaço necessário para que se instalasse uma necessidade de intervenção. “Essa a minha cidade?”

Para a montagem do áudio, realizada no estúdio de Wilton Azevedo, foram usados trechos do texto, mixados a ruidagem e outros efeitos. As intervenções sonoras durante as apresentações foram feitas ao vivo, pelo próprio Wilton.

Fizemos alguns ensaios gerais no local de estréia (Centro Histórico Mackenzie) e, por fim, iniciamos um ciclo de seis apresentações em outubro de 2007, como parte das comemorações dos 137 anos da Instituição. Uma parceria entre o Centro de Comunicação e Letras e Centro Histórico da Universidade Mackenzie.

Atualmente temos alguns projetos formatados e concorrendo a editais, e estamos montando um cronograma de apresentações para o próximo semestre, incluindo



Universidades Comunitárias e outros Centros de Cultura que permitam abertura de discussão tanto do processo quanto do tema tratado.

Objetivos outros, desdobramentos da finalização dessa primeira etapa de apresentações, estão sendo delineados. Passamos a buscar novas interfaces de comunicação entre o presencial, o virtual, o texto, a imagem o som; dando continuidade às experiências de captação e edição das imagens e sons da cidade.

Em termos de compromisso social, a necessidade de sensibilizar o público que se caracteriza como observador da realidade da margem foi complementada por um outro tipo de ímpeto: intervir nesse recorte da margem que escolhemos como objeto de pesquisa e reconfiguração. Intervir de alguma forma a devolver à comunidade o que dela foi emprestado como recurso e princípio criativo.

Devemos acrescentar, como outro desdobramento o projeto “Olho Mágico – O Audiovisual Como Uma Experiência Interdisciplinar”⁹, pesquisa de Iniciação Científica de Bruno Mendonça, que tem formado na figura de documentário, os registros e os relatos do desenvolvimento da peça, com enfoque a cidade de São Paulo e a própria peça como espaço de discussão e reflexão sobre o urbano caos.

Teatro, mídias, arte, tecnologia? Educomunicação

Educomunicação é um novo campo de intervenção social que abriga os agenciamentos coletivos que acontecem em meio às interfaces disciplinares da comunicação e da educação e rompem com a rigidez característica desses pensares epistemológicos como área do conhecimento humano. A Educomunicação cria movimentos de reterritorialização e busca, nas práticas comunicacionais, a criação de novos enunciados, produzindo articulações comunicativas singulares, múltiplas e políticas. (SCHAUN, P.143, 2002)

A troca de conhecimento é um dos traços essenciais que caracterizam o ensino e, quaisquer que sejam as manifestações artísticas, elas têm o poder de provocar algum tipo de sensibilização. O uso do teatro, ou qualquer ferramenta de arte ou ciência, justifica-se como prática de cidadania operante. Também dentro do universo acadêmico/educativo a dramaturgia cumpre seu papel de articulação comunicativa¹⁰. Academicamente, o trabalho se direcionou para duas vertentes: uma permitiria o desenvolvimento de habilidades e expansão do conhecimento técnico-artístico-expressivo de todos os envolvidos, a outra, ao mesmo tempo permitiria devolver à

⁹ Do aluno de Publicidade e Propaganda do Centro de Comunicação e Letras, Bruno Mendonça, sob a orientação da profa. Ms. Fernanda Nardy Bellicieri. (agosto de 2007 à julho de 2008)

¹⁰ Segundo SCHAUN, as articulações comunicativas são “(...) práticas situadas nos âmbitos comunicacionais da Educomunicação” (p. 143, 2002)



sociedade o que dela se retiraria em termos de matéria-prima criativa transformada então em visão crítica e de conscientização. Ou seja, o projeto passa a ter a prática educativa como elemento intrínseco, pois procurou traduzir e transmitir através da tradição dramatúrgica a visão daquele que captou.

Os objetivos iniciais confundem-se inevitavelmente à montagem da peça: instaurar a reflexão sobre a temática da realidade urbana, das relações materiais, valorativas e humanas; transpor o conteúdo da pesquisa acadêmica para além, na forma extensionista (debates e futuramente workshops e atividades com outras comunidades além da universitária); consolidar a vivência universitário dentro de um centro de produção de conteúdo e manifestação artística voltada a questões de relevância como um “espaço” de expressão e de reflexão e trazer os desdobramentos multimidiáticos do projeto para uma posição de uma ponte de duas vias necessária entre todas essas questões, de forma interdisciplinar.

A ampliação do leque do projeto vem sendo efetivado, pois dentro do escopo da montagem da peça e das reflexões, estão se concretizando as pesquisas de Iniciação Científica na área de Cenografia e do Documentário, já mencionados anteriormente, e a proposição do projeto multimídia Diálogos¹¹ - sob o qual deverá se expandir em articulações das linguagens audiovisuais (interfaces midiáticas).

A forma teatral, em oposição a um texto hermético sobre qualquer temática, potencialmente amplia a capacidade de alcance de propagação do conhecimento recolhido e processado. Isto significa que, dentro do escopo da educomunicação, estamos trazendo à luz um movimento que parte do olhar e da releitura do pesquisador e que retorna esse olhar à sociedade (para diversos grupos). Não estamos trazendo propriamente os bens culturais que o morador de rua produziu, com o intuito estratégico de reconhecimento e inclusão social, mas sim reelaborando através da peça o lugar social do que chamamos de ‘homem à margem’ e a nossa condição de observadores, tradutores e observadores-atores quando somos interpelados.

Passamos de uma condição à outra. Tomamos também a posição de “relatores-reveladores-delatores”, repórteres daquela arte que provém dos “tesouros” de forma crítica, utilizando outros referenciais – culturais, teóricos e experimentais.

Então nos questionamos se o lugar daquele e de sua arte pode nos tocar por quem o produz (morador de rua e sua condição de vida) ou pelo recipiente (armazenamento e exposição) desta produção (sua materialidade e significação).

¹¹ Pesquisadores do Grupo de Pesquisa Núcleo Audiovisual do Centro de Comunicação e Letras e do prof. Dr. Wilton Azevedo, do programa de Pós-Graduação de Letras da Universidade Prebisteriana Mackenzie.



A intermediação teatral tem o poder de ultrapassar as barreiras de espaço e dos recursos materiais. Ele depende essencialmente do ator, do texto.

Esse conceito guia se expressou na flexibilidade que costurou o processo de cenografia, dos adereços e da própria performance, ação e movimentação no espaço.

A passagem do conteúdo temático e artístico para o vislumbamento do projeto dentro da área da Educomunicação teve início junto à coordenadora de Extensão do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, a pesquisadora da área da Educomunicação, a profa. Dra. Ângela Schaun. Foi neste momento do processo, que se tomou consciência de que os conceitos discutidos até então intuitivamente se intrincavam nas bases educacionais. O objetivo da pesquisa de Hânia aliado à necessidade de reconfigurar formato tradicional da própria pesquisa e trazê-la não mais apenas como conceito ou constatação, mas produto cultural acessível à comunidade e ao entorno, tratavam-se de práticas desta constatação teórica.

O texto da peça era uma releitura da realidade da margem, um recorte reflexivo sobre a exclusão social, com objetivo claro de sensibilizar o público universitário e a comunidade em geral sobre o humano: tanto o socialmente desprovido e quanto o socialmente incluído, que observa.

A peça e as atividades de pesquisa assumiam também um caráter de extensão universitária, uma vez que não somente o tema seria baseado em uma pesquisa derivada do olhar do pesquisador sobre seu entorno, como a própria montagem seria um processo contínuo de pesquisa; envolvendo alunos, pesquisadores, discentes e especialistas (cada qual em áreas específicas de atuação) para produção de um produto destinado à comunidade em geral.

Outros objetivos, anteriores ou derivativos da montagem, instalavam-se ao processo; fundindo reflexão, estética, sociedade e Academia. Entre eles, levar conteúdo da pesquisa acadêmica à sociedade; instaurar discussão sobre a temática da realidade urbana; promover debates entre comunidade e academia; envolver o aluno profissionalmente em produções artísticas que não estão restritas ao ambiente acadêmico; desenvolver o hábito da pesquisa e fortalecer os núcleos de pesquisa; fortalecer a atividade extensionista na Universidade; formar público para teatro dentro da Universidade; intercâmbio entre Universidades; fazer da Universidade um centro de produção artística voltada a questões de relevância, fundar um espaço de expressão para reflexão; criar um núcleo de pesquisa em linguagens artísticas para produções que



tenham como fundamento o intercâmbio entre universo acadêmico e comunidade, e o intercâmbio entre as diferentes universidades e centros de pesquisa.

À medida que o trabalho corporifica-se, o que se espera é que vá se tornando, prioritariamente, cultura de pesquisa; e adentre o conceito de entretenimento consciente, trazendo novas realidades e reflexões, fazendo um trabalho de cidadania, contribuindo de forma positiva a novas práticas artísticas e fazendo com que o audiovisual apresente, como forma interdisciplinar e educativa, o reflexo: Arte-Educação.

O destino final dessa via de passagem: envolvimento plenamente consciente e exercício crítico de cidadania.

“Meio dia, e não quis enxergar...

Nenhuma alegria sobressalente pelas roupas mais libertas; nenhum pedinte em menor auto-flagelo; nenhuma aflição poupada. Tudo mais claro e contrastante à luz radiante do meio-dia...

Será que era aquela a intenção do Sol? Sadismo...

Talvez a cidade não quisesse mostrar-se assim tão nua...

Total invasão de privacidade!

Cidade combinava com noturno , quando se podia atentar mais aos faróis, aos luminosos, aos medos de assalto e afins.

A cidade estaria protegida de julgamentos; e os mais lúcidos, seguros de não serem acometidos por consciências contundentes.

O meio-dia era sacana, com seus meios-termos e permissividades de convivência surreal: em uma mesma calçada, flores e pestes.

Não, não ratos: homens rastejantes!

Se os meios-dias prestassem, não admitiriam tal convivência...”

(Trecho do texto inicial da peça “A via: Passageiros”)

Referências bibliográficas

AMARAL, Araci e TORAL, André. **Arte e Sociedade no Brasil - de 1976 a 2003** (vol. 3). Editora Callis, São Paulo, 2003.

ANCHIETA, José Costa. **Auleum - A quarta parede**. São Paulo: A Books Editora, 2002.

ARGAN, Giulio C. **Arte moderna**. São Paulo :Ed. Companhia das Letras, 1992.



AZEVEDO, Wilton. **Os signos do design**. São Paulo: Global Editora, 1996.

AZEVEDO, Wilton. A poética das Hipermídias, 2003. URL: <http://www.mackenzie.com.br/interacao/www2003/> (último acesso março 2008)

DOHERTY, Brian O'. **No Interior do Cubo Branco – A Ideologia do Espaço da Arte**. Martins Fontes. 2002.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**, São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

NAME, Leonardo. “O cinema e a cidade: simulação, vivência e influência” in **Arquitextos**. Texto 033, fevereiro 2003. www.vitruvius.com.br acessado em 27.10.2006.

OLIVEIRA, Alexandre Suárez. **A construção da aparência**. São Carlos: Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2000.

OSTROWER, Fayga P. **Cratividade e Processos De Criação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Intervenções Urbanas: Arte/Cidade**. Senac. 2002.

PIGNATARI, Décio. **Informação linguagem comunicação**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

PILAN, Hânia. **Tesouros - Arte dos moradores de rua**. Dissertação de Mestrado do programa Educação, Arte e História da Cultura, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006.

RATTO, Gianni. **Antitratado de cenografia**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1999.

REWALD, Rubens. **Caos Dramaturgia**. São Paulo: Edusp/ Fapesp, 2006.

SANTOS, Fabio Alon. A arquitetura como agente filmico in **Arquitextos**. Texto especial 223, fevereiro, 2004. www.vitruvius.com.br acessado em 27.10.2006.

SCHAUN, Ângela. **Educomunicação: reflexões e princípios**.

SCHAUN, Ângela. **Práticas Educomunicativas**. São Paulo: Mauad/ Fapesp/ Fapex, 2002.

SILVA, Fernando Pedro da. **Arte Pública: Diálogo com as Comunidades**. C/Arte. 2005.

WOHLGEMUTH, Julio. **Vídeo-Educativo: Uma pedagogia audiovisual**. Senac. 2005.

